

ESTADO DA ARTE SOBRE O USO DA LINGUAGEM VERBO-VISUAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO ODS 4

4.7 Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável

Paulo Roberto Stochero (Universidade de Taubaté)¹
Prof. Dr. Luiz Guilherme de Brito Arduino (Universidade de Taubaté)²

Resumo

O presente estado da arte reflete sobre o uso de imagens no processo epistemológico da Filosofia na escola. A pesquisa se justifica pelo interesse em investigar de que forma a linguagem verbo-visual, especialmente a imagética, pode ser utilizada no processo de ensino e de aprendizagens de conceitos filosóficos no ambiente escolar. Fundamenta-se, teoricamente, em estudos recentes como Apis, Furtado e Ferrari (2016), Nogueira, Ávila e Neto (2017), Alves (2018) e Brazil (2023) que analisam o papel de imagens no estudo filosófico e como as mesmas foram sendo utilizadas ao longo dos tempos, corroborando a compreensão de conceitos, perspectivas e análises filosóficas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, do tipo interpretativista, e pelo qual, se obteve os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento de dados, seleção de um corpus, análise do material selecionado e relação com o objeto de estudo, ou seja, o uso da linguagem verbo-visual no ensino da Filosofia no Ensino Médio. Como resultados, observou-se que há uma relação fundamental entre o pensar e o ensinar por meio da linguagem verbo-visual, sobretudo a imagética, considerando que, desde os seus primórdios, os filósofos e a Filosofia utilizam da linguagem não verbal como ferramenta e instrumento para tornar mais acessível o conteúdo para aqueles que buscam compreendê-la e mais recentemente, também, os professores aos seus alunos de Ensino Médio. Os artigos levantados e analisados nesse estado da arte demonstram que a imagem pode ser uma ferramenta que potencializa a compreensão de conceitos filosóficos, assim como um mecanismo que potencializa o diálogo desses conceitos no âmbito educacional formal.

¹ Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, especialista em Educação: História, Cultura e Sociedade pela Universidade de Taubaté, bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana e graduado em Filosofia pelo Centro Educacional de Brusque. Professor de Filosofia, Sociologia e História no Ensino Médio da rede pública estadual paulista e Professor da disciplina de Ensino Religioso no Ensino Fundamental II da rede municipal de ensino de Taubaté. Contato: paulostochero@hotmail.com

² Orientador. Doutor em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, especialista em Comunicação, Semiótica e Linguagens Visuais pelo Centro Universitário Braz Cubas e graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Taubaté. Professor nos cursos de graduação na área de Comunicação e Negócios e na Pós-graduação - Mestrado Acadêmico de Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté. Contato: luiz.gbardo@unitau.br



Palavras-chave: Linguagem; Imagens; Filosofia; Ensino-aprendizagem; Educação.

Introdução

O presente artigo propõe a discussão sobre o uso da linguagem verbo-visual no processo de ensino-aprendizagem da Filosofia, no Ensino Médio. O interesse sobre o assunto nasce da prática docente do pesquisador, de quase vinte anos de atuação profissional, que busca compreender as possibilidades do processo epistemológico da Filosofia entre os estudantes, para além da simples escuta de conceitos e leitura de textos.

As razões para se utilizar a linguagem verbo-visual no ensino de Filosofia está associada a ideia de que, por possuir uma natureza essencialmente reflexiva, a partir de construções de conceitos que são frutos de muita leitura, análises e comparações entre outras ações, infere-se que essa prática acaba por ser cansativa e extenuante; portanto, evitada e/ou com pouco interesse por parte dos jovens estudantes. Abordando tal questão, Ricoeur (2016) afirma que a atenção e a vontade são fenômenos psicológicos ligados a decisão, mas que compreende um caráter dramático onde duração, intenção e escolha nem sempre permitem uma autonomia plena ao ser humano. Quer dizer, para além das dificuldades inerentes ao estudo de filosofia, temos aqui o aspecto da vontade, que pode ser um dos grandes empecilhos à realização de qualquer ação humana. Assim, a abordagem epistemológica por meio de uma linguagem imagética, pode ser mais atrativa para a construção do conhecimento filosófico em sala de aula. A partir de tais considerações, o presente estudo tem como objetivo realizar mapeamento sobre o uso da linguagem verbo-visual no ensino da filosofia no Ensino Médio. Busca-se refletir sobre a relação de diálogo entre imagem e filosofia, conforme os estudos e percepções de pesquisadores que refletem sobre esse tema.

Apresenta-se, a seguir, a Revisão da literatura, onde foi realizada a seleção do corpus com o enfoque semântico nos termos 'imagem' e 'filosofia'. Na seção seguinte apresenta-se o Método da pesquisa, em que é possível observar o mapeamento das pesquisas que norteiam as reflexões que dialogam com o objeto



de estudo proposto. Por fim, é realizada a discussão sobre os resultados, bem como as considerações finais dessa pesquisa.

Revisão da literatura

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, a partir de uma revisão de literatura, se configurando em um estado da arte sobre o tema mencionado. Conforme disserta Ferreira (2020), o estado da arte pode ser pensado como um método investigativo desafiador, já que é uma busca sobre o que já se produziu cientificamente sobre aquele assunto até então. Ao caracterizar o estado da arte, a autora afirma ser um processo de:

[...] trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2020, p. 258).

A partir da pesquisa realizada no *Google Acadêmico*, que resultou em vinte trabalhos levantados inicialmente, foram encontrados oito trabalhos que melhor dialogam com o objetivo da pesquisa, ou seja, que discutia o uso de imagens em atividades pedagógicas no ensino de filosofia, por uma perspectiva dialógica. Deste modo, dessas oito, foram escolhidas as quatro pesquisas que apresentaram maior relevância para serem analisadas.

Entre as pesquisas selecionadas, destacam-se o artigo de Aspis, Furtado e Ferrari (2016), intitulado “Dossiê Filosofia e imagens e educação”; o artigo de Brazil (2023) sobre a natureza imagética do ensino de Filosofia; o trabalho de Nogueira, Ávila e Neto (2017) que aborda sobre o uso de fotografias na docência de filosofia: justificativas, paradigmas e possibilidades; e por fim, a pesquisa de Alves (2018) intitulada “imagens filosóficas como estratégias didáticas para o ensino de Filosofia”. Foi identificado, em todas elas, um ponto em comum: o diálogo do uso da linguagem não-verbal (imagética) com o processo de ensino-aprendizagem da Filosofia formal



escolar. A partir dessas considerações iniciais, apresenta-se, a seguir, as etapas detalhadas desse Estado da Arte.

Método

Como procedimentos metodológicos, optou-se por conduzir esse estudo realizando (1) a seleção do corpus; (2) o mapeamento das pesquisas sobre a linguagem verbo-visual no ensino da Filosofia em sites e buscadores de pesquisas digitais que envolvem Educação e Linguagem; e, por fim, a (3) discussão dos resultados do mapeamento. Para a seleção dos artigos analisados nesse artigo, foram utilizadas ferramentas de busca na internet, como o *Google Acadêmico*, com as palavras-chave: linguagem visual no ensino da Filosofia. Em relação a escolha das palavras-chave mencionadas, foram consideradas as mais adequadas, uma vez que se tratava da linguagem visual e o ensino de filosofia de modo central.

Resultados e discussão

No trabalho de Aspis, Furtado e Ferrari (2016) é defendido a ideia de que as imagens são representações da realidade e, portanto, seria legítimo seu uso para a compreensão da mesma. Elas estão presentes em praticamente todos os aspectos da vida humana e seu uso não pode ser indiscriminado, mas deve ser utilizado criticamente em se tratando de educação formal e, sobretudo, para o ensino de Filosofia. As autoras apresentam vários teóricos, como Deleuze (1990), Honorato (2016), Gruzinski (2003) e Fabbrini (2016) com o intuito de apresentar uma investigação filosófica sobre a conexão entre imagem e educação. As imagens na propaganda que norteadas por um sistema capitalista promove e reforça a necessidade de consumo. Mostram ainda a imagem como manifestação do real, supondo que além de uma simbologia, elas transmitem uma intencionalidade dos seus criadores, os autores, buscam assim estabelecer um diálogo de complementariedade entre essas abordagens sobre a imagem.

A imagem é apresentada ainda como uma forma de conhecimento inferior se comparada a realidade na perspectiva de Platão e Aristóteles, já vista na perspectiva de Deleuze (1990) não se opõem à realidade, mas constituem aspectos dessa mesma



realidade. Honorato (2016), para os autores, faz uma crítica mostrando que as imagens no ensino de artes muitas vezes são desvinculadas de sua historicidade. Gruzinski (2003), por exemplo, analisa as iconoclastias indígena e cristã percebendo a relação vital das imagens nessas culturas. Os autores, apoiados na ideia de Fabbrini (2016), refletem também sobre o excesso do uso das imagens no mundo de hoje que podem levar a uma superficialidade da compreensão das mesmas. Enfim, diante das diversas reflexões mencionadas, os autores refletem como a imagem é importante no processo de compreensão do mundo.

No artigo de Brazil (2023), sobre a natureza imagética do ensino de Filosofia, é sugerido que o uso de imagens potencializa o estudo e a compreensão dos conceitos filosóficos. Refletindo sobre o momento atual da realidade brasileira e percebendo o quanto as redes sociais e as linguagens midiáticas realizadas pelas novas tecnologia estão presentes no cotidiano, o autor critica a superficialidade dessa comunicação. Consciente, porém da potencialidade que essa linguagem possui no sentido de atenção das pessoas e mesmo de sua ubiquidade, propõe que a Filosofia e os filósofos também ocupem esses espaços e de um modo especial pelo uso da linguagem imagética. Brazil (2023) percebe, baseado nas contribuições de Górgias (1993) e posteriormente ao longo da história da Filosofia, o uso recorrente de imagens para referir-se a conceitos filosóficos. Deste modo, o autor defende que os desafios do mundo hodierno exigem que os filósofos valorizem o uso da imagem para o ensino-aprendizagem da Filosofia. Ainda na visão do autor, ensinar por imagens não é um empobrecimento da produção acadêmica nem um movimento estranho a tradição filosófica, antes, é uma prática viável e enriquecedora.

No trabalho de Nogueira, Ávila e Neto (2017) intitulado “o uso de fotografias na docência de filosofia: justificativas, paradigmas e possibilidades” nota-se que há uma reflexão a partir das fundamentações teóricas sobre o uso desse recurso imagético no processo de aprendizagem humana e, por consequência, como instrumento reflexivo. Os autores relembram como Platão e o platonismo ao se referir às imagens como cópia da realidade fazem uma alegoria que se utiliza da razão para se chegar ao conhecimento de algo, embora seja anacrônica tal afirmação, poderíamos em certo sentido reconhecer que nesse processo a imagem pode ser associada a uma tentativa



de explicação da realidade. Os autores defendem que uma fotografia seria uma representação pictográfica mais próxima possível da realidade. Para corroborar suas visões, os autores se fundamentam, sobretudo em Barthes (1984), já que o mesmo reconhece a subjetividade e representatividade de uma fotografia admitindo ao mesmo tempo seus aspectos referenciais e objetivos. Tal autor, disserta em seu livro “A câmera clara” que os detalhes e minúcias presentes num ato eternizado pela imagem, de forma exemplar os conceitos, podendo até demonstrá-los a partir da experiência sensorial de “leitura” dessa imagem.

Finalizando a abordagem dos trabalhos aqui analisados, temos uma pesquisa de Alves (2018) intitulada “imagens filosóficas como estratégias didáticas para o ensino de Filosofia”. Não menos importante que os anteriores, nessa pesquisa, o autor tem por objetivo ampliar algumas discussões em torno das questões metodológicas para o processo de ensino-aprendizagem da filosofia, reconhecendo o importante papel que as imagens podem contribuir nesse contexto. Se apoiará na perspectiva platônica, onde temos uma noção de imagens filosóficas, conceito esse, segundo o autor, criado mediante uma livre interpretação dos diálogos platônicos. Essa noção compreende um vasto conjunto de representações estéticas presentes no universo do imaginário coletivo do contexto sociocultural de Platão. Assim, as imagens assumiam um papel pedagógico e auxiliavam na compreensão do sentido dos ensinamentos que Platão desejava transmitir. Alves (2018) ancora-se também em pesquisas como a de Rodrigo (2009) e Gallo (2014) as quais possuem interesse na problemática metodológica da Filosofia e que ressaltam a necessidade de experimentar a linguagem filosófica, vivendo o conceito a partir de todas suas possibilidades interpretativas superando a dicotomia entre deficiência cultural e rigor filosófico. Entre essas possibilidades interpretativas, destacam-se as imagens filosóficas que Alves (2018) justifica como necessária nesse processo por seu caráter intermediador entre o conceito abstrato e o cotidiano dos estudantes.

Considerando o levantamento e as leituras dos textos quem compõem o mapeamento contido nessa pesquisa, é possível visualizar os interesses e abordagens dos trabalhos analisados no quadro a seguir. De maneira objetiva e



detalhada, mostra-se uma síntese dos principais temas, objetivos, fundamentações e conclusões sobre o os textos analisados até aqui:

Quadro 01 – Artigos sobre o uso de imagens no ensino de Filosofia

Sobrenome (ano)	Tema da pesquisa	Objetivo	Fundamentação teórica (só os nomes das linhas teóricas)	Conclusão
Aspis, Furtado e Ferrari (2016)	Filosofia e Imagens e Educação	Compreender como as imagens ajudam na educação filosófica dos estudantes	Platão Aristóteles Deleuze	A imagem constitui-se como aspecto essencial no Ensino de Filosofia
Nogueira, Ávila e Neto (2017)	Uso de fotografia na docência de filosofia	Mostrar a fotografia como uma linguagem que torna possível o processo epistemológico da filosofia	Platão Barthes	A fotografia é uma linguagem validade para a filosofia, pois gera reflexão e análise
Alves (2018)	Imagens filosóficas para o ensino da filosofia	Refletir como as imagens filosóficas corroboram na criação dos conceitos	Platão Rodrigo Gallo	Ao longo da História da Filosofia inúmeras vezes os conceitos foram transmitidos por meio de imagens
Brazil (2023)	Natureza imagética para o ensino de filosofia	Estudar os significados que as imagens produzem no processo de ensino-aprendizagem da filosofia	Górgias	As imagens carregam em si mesmo uma série de significados e sentidos filosóficos.

Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

Nesses quatro artigos, temos em comum o interesse dos autores em estabelecer um diálogo da Filosofia com a linguagem imagética. Aspis, Furtado e Ferrari (2016), no primeiro artigo apresentado, afirmam que essa relação é fundamental. Nogueira, Ávila e Neto (2017), no segundo artigo, focam na imagem



obtida/produzida por meio de uma fotografia, enriquecendo a visão anterior que foca nas imagens, de um modo geral, mas que nesse caso – fotográfico – é algo mais próximo da realidade concreta, uma vez que foi obtida por meio de luz, sombra e tecnologia uma captação da realidade visual no tempo. Já no terceiro artigo, Alves (2018), volta seu olhar mais para a Filosofia, indicando que no intuito de transmitir conceitos e opiniões, os filósofos, como Platão, percebem as imagens como um meio privilegiado para esse processo ocorrer. Como a imagem tem essa força simbólica, que vai além das palavras. Essa força, por exemplo, é destacada no quarto artigo de Brazil (2023) que mostra como as imagens estão carregadas – em si mesmo – de uma série de significados e sentidos filosóficos, ou seja, como são portadoras e transmissoras de sentidos numa relação ampla de simbiose que ela proporciona.

Mediante o exposto, a seguir, discuti-se detalhadamente os resultados do mapeamento apresentado nos parágrafos anteriores.

Discussão dos resultados do mapeamento

Compreende-se que todos os estudos levantados estão de acordo com o fato de que a linguagem não-verbal, especialmente a imagética, é imprescindível para a reflexão humana. Desde pinturas realizadas em cavernas até as imagens fotográficas mais modernas e digitais de nossos dias mostram como o ser humano sempre precisou e quis transmitir aquilo que pensa por meio também das imagens. A palavra, por mais completa que seja, nunca prescindiu do uso pictográfico da realidade, assim a imagem sempre esteve presente na história humana, ora com intuito de que alguém fosse compreendido por meio dessa manifestação ora com o desejo de compreender.

Essas pesquisas concluíram que o uso de imagens, sejam essas, pictográficas, fotografias, digitais, *charges*, memes, desenhos entre outras modalidades possíveis, além de ajudar no processo de compreensão de conceitos filosóficos podem também ser um excelente recurso a ser utilizado em materiais escolares (apostilas, plataformas, livros didáticos etc.) e pedagógicos de Filosofia para o Ensino Médio.

É importante destacar que a perspectiva do uso da linguagem no Ensino e Aprendizagem — especificamente no ensino de Filosofia, foco deste estudo, mas também em outras áreas e dimensões da vida — foi ressignificada a partir das



contribuições de Bakhtin (2016) e de seu Círculo. Os autores compreendem a linguagem como um fenômeno social, inseparável da vida e da história das pessoas. Essa abordagem dialógica, que considera a linguagem em suas diferentes manifestações, inclusive a não-verbal, como a imagética, abre diversas possibilidades de investigação nesta pesquisa. Entre elas, destaca-se o uso de imagens oriundas de gêneros discursivos midiáticos presentes no meio digital e nas redes sociais. Elementos como imagens, gráficos, sons e outros recursos podem contribuir para a compreensão de conceitos filosóficos, funcionando como ferramentas de apoio à reflexão. Em síntese, trata-se de conciliar múltiplas linguagens para ampliar as formas de entendimento do mundo e da realidade.

A partir deste estado da arte, é possível afirmar que os temas investigados convergem para o objeto desta pesquisa, pois evidenciam um rico diálogo sobre a linguagem não verbal — em especial a imagética — e sua relação com a apreensão de conceitos filosóficos ao longo do tempo, sob diferentes perspectivas teóricas. Trata-se de um campo vasto que, embora já amplamente explorado e debatido, permanece aberto a novas reflexões e abordagens, visto que a imagética sempre foi, e continuará sendo, uma fonte fundamental para a compreensão da realidade, ainda mais no Ensino e Aprendizagem na Educação Básica.

Considerações Finais

Os fenômenos sociais e educativos estão em constante mudança, considerando que vivemos uma ubiquidade da cultura digital como instrumento e meio nas relações humanas entre outras temáticas. Os artigos aqui apresentados, lidos e refletidos foram de grande auxílio para o início e desenvolvimento da pesquisa de mestrado, pois abordam como a imagem pode ser uma ferramenta que potencializa a compreensão de conceitos filosóficos.

Com este estado da arte, ampliam-se as possibilidades de reflexão acerca do tema, convocando toda a comunidade educacional — gestores, professores, colaboradores, estudantes e famílias — a participar ativamente desse processo. Em um mundo cada vez mais tecnológico e visual, torna-se imprescindível repensar o papel e o dinamismo dos recursos visuais, tanto no cotidiano quanto no processo de



Ensino e Aprendizagem, em todas as etapas da formação e dimensões da vida, sobretudo na Educação Básica.

Referências

ALVES, Daniel Figueiras. Imagens filosóficas como estratégias didáticas para o ensino de Filosofia. **Revista Problemata**. Vol. 9, Nº. Extra 3, 2018. p. 222-229. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_EV174_MD1_ID11566_TB447_09092022193044.pdf. Acesso em: 22 de abril.2025.

ASPIS, Renata Pereira Lima; FURTADO, Rita Márcia Magalhães; FERRARI, Sônia Campaner Miguel. **Filosofia e Educação** [rfe] – volume 8, número 1 – Campinas, SP. Fevereiro-Maio de 2016 – p. 1-6.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Bezerra, Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

BARTHES, Roland. **A Câmera Clara**: Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRAZIL, Vicente Thiago Freire. In **Revista Dialectus** – Revista de Filosofia. Fortaleza, ano 12, n. 29 (especial), 2023. p. 29 – 40.

DELEUZE, Gilles. **Cinema: a imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. O que está acontecendo com as imagens?: arte, mídia e educação em Jean Baudrillard. **Filosofia e Educação**, v. 8, n. 1, p. 63-91, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rfe.v8i1.8643692>. Acesso em: 04 set. 2025.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2014.

GÓRGIAS. **Testemunhos e fragmentos**. Tradução de Inês de O. Castro, Manuel Barbosa. Lisboa: Colibri, 1993

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol**. Séculos XVI-XVIII / Serge Gruzinski; tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



HONORATO, Cayo. Políticas do imaginário: História, educação e cultura visual. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 38–62, 2016. DOI: [10.20396/rfe.v8i1.8643691](https://doi.org/10.20396/rfe.v8i1.8643691). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8643691>. Acesso em: 28 ago. 2025.

NOGUEIRA, Adeilton Santana; ÁVILA, Éverton Gonçalves de; NETO, Antenor de Oliveira Silva. In **Revista EDaPECI**. São Cristóvão (SE), v.17. n. 1, p. 73-95, jan. /abr. 2017.

RICOEUR, Paul. **A atenção**: estudo fenomenológico da atenção e de suas conexões filosóficas. In: RICOEUR, Paul. Escritos e conferências 3: antropologia filosófica. Tradução L. C. Malimpensa. São Paulo: Edições Loyola, 2016.p. 43-74. (Original publicado em 1940).

RODRIGO, Lídia Maria **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores Associados, 2009.